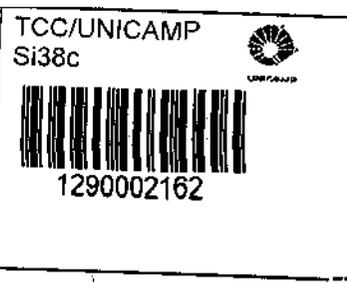


Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física

**O CORPO BELO: O PAPEL DOS
PROFESSORES DE GINÁSTICA**

Cinthia Lopes da Silva

Campinas
1997



Cinthia Lopes da Silva

**O CORPO BELO: O PAPEL DOS
PROFESSORES DE GINÁSTICA**

**Monografia apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel
em Educação Física modalidade Treinamento
Esportivo.**

Orientador: Prof. Dr. Jocimar Daolio

**Campinas
1997**

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Jocimar Daolio

Prof. Dr. Luís Barco

Profa. Cristiane Ker de Melo

Prof. Odilon José Roble

É com grande alegria que agradeço e compartilho este trabalho com todos vocês que me ajudaram a construí-lo: meus pais e avós que me deram condições para isso, meus amigos que com a amizade, carinho e apoio fui ganhando confiança durante a construção, meus grandes mestres de graduação que participaram de minha formação, e, os entrevistados que colaboraram com a pesquisa de campo. Meus agradecimentos, enfim, à você prof. Jocimar que pacientemente e com muita competência me ensinou os primeiros passos na pesquisa científica e acompanhou a construção dessa monografia

Cinthia Lopes da Silva

RESUMO

Neste trabalho, o corpo foi discutido como sendo uma construção cultural, a partir de um referencial da Antropologia Social, de forma que fosse possível compreender o processo social pela busca por corpos ideais. Atualmente, parece haver uma construção generalizada do corpo belo que abrange vários segmentos de nossa sociedade. Esse processo cultural faz com que passemos a idealizar um certo modelo de corpo, e, como meio para atingi-lo, passamos a consumir alguns produtos, alimentos, e a atividade física parece ser um dos principais meios para esse fim. Com a proliferação do número de academias de ginástica, nota-se que estes locais tornaram-se verdadeiros templos de culto ao corpo, onde seus frequentadores vão em busca de corpos idealizados, aos quais são atribuídos alguns conceitos e representações. Os professores dessas práticas corporais desempenham um papel fundamental em relação a esse processo de construção do corpo belo, já que recebem as mesmas influências culturais e lidam com os desejos e expectativas de seus alunos. Por meio desse trabalho, analisamos o papel dos professores de ginástica, tentando esclarecer o modo como fazem a mediação dos desejos e expectativas de seus alunos com sua prática. Para isso, foram feitas entrevistas semi-estruturadas a partir de um roteiro básico, de modo que os entrevistados puderam organizar a linha de seu pensamento e suas experiências. Fomos a cinco academias de ginástica, sendo duas de grande porte e três de pequeno porte. Entrevistamos cinco professores de cada um desses tipos de academia, em um total de dez. Todos os professores são licenciados em Educação Física. Ao interpretarmos os dados coletados, perceberemos que grande parte de nossos entrevistados não se consideram professores, acreditam que sua função está mais relacionada com uma orientação e instrução dos exercícios físicos. Nas academias de grande porte as aulas de ginástica são divididas nos níveis: iniciante, intermediário e avançado. No entanto, essa divisão pareceu estar mais relacionada com as capacidades físicas dos alunos como força e resistência, do que com graus de aprendizagem. Baseando-nos nesta pequena amostra, pudemos fazer uma reflexão sobre o que os professores de academias de ginástica pretendem com suas práticas, já que, frente a esse processo cultural pela busca de corpos ideais, é de grande relevância a necessidade do papel pedagógico dos professores de academias.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
I. A construção cultural do corpo belo.....	4
1. A cultura.....	4
2. O sistema de significação.....	7
3. O corpo.....	10
4. A beleza.....	14
II. O papel dos professores de ginástica.....	32
Considerações Finais.....	48
Referências Bibliográficas.....	51

INTRODUÇÃO

Este trabalho é bastante significativo em minha vida acadêmica, pois, ele é fruto de minha iniciação científica, concluída no primeiro semestre deste ano. Para a realização da iniciação científica tive a colaboração de Yukio Ikari, co-autor e um grande amigo da graduação.

A idéia para a monografia surgiu a partir de algumas observações feitas nas academias de ginástica quando fomos à pesquisa de campo desse nosso primeiro trabalho científico. Entrevistando os frequentadores das academias, começamos a pensar neste universo simbólico: a quantidade de pessoas que utilizam estes espaços

diariamente, a diversidade de práticas oferecidas, os mais variados tipos de ginástica, o culto ao corpo, enfim, a busca para se atingir um determinado modelo de corpo por meio da atividade física. Isso levou-nos a fazer alguns questionamentos com relação à prática dos professores de ginástica.

Pelo que percebemos, em nossa sociedade há um processo de criação de imagens de corpos ideais, divulgados pela mídia, e que parecem influenciar a construção de modelos corporais de beleza e conceitos sobre saúde e estética. Esses mecanismos influenciadores estimulam o desejo de nos parecermos com certos modelos corporais de beleza divulgados e, como meio de se atingir tais modelos de beleza, passamos a consumir certos produtos e práticas corporais. Segundo Featherstone (1994), *“A transformação do corpo que levará a uma transformação pessoal é algo que está ao alcance de todos nós”*(p.167-8). A aparência física parece-nos ser forte elemento nas relações sociais, pois a ela são atribuídos alguns significados e, ao buscar certos modelos corporais, há também uma busca pela transformação pessoal e a representação de diferentes papéis em nossa sociedade.

Os professores das academias de ginástica desempenham um papel fundamental em relação a esse processo de construção do corpo belo, já que são também influenciados pela mesma mídia e lidam com os desejos e expectativas de seus alunos.

Utilizando o referencial da Antropologia Social, faremos uma análise desse processo cultural da construção de padrões corporais de beleza e do conjunto de significados culturais associados a essa construção. Dessa forma, poderemos entender esse processo social da busca por um corpo belo, o consumo de diversos produtos embelezadores, as mudanças corporais, enfim, os modos pelos quais acreditamos poder nos tornar parecidos com certos modelos de beleza construídos em nossa sociedade. A partir disso, poderemos fazer algumas reflexões sobre o papel pedagógico dos professores de ginástica.

Para isso estaremos entrevistando dois grupos de profissionais, professores de ginástica das academias de grande porte e professores de ginástica das academias de pequeno porte.

No primeiro capítulo vamos discutir o corpo belo como sendo uma construção cultural, e, utilizando os resultados obtidos na pequena amostra da pesquisa de iniciação científica, faremos uma discussão sobre o que os freqüentadores esperam das academias de ginástica. Essa discussão dará base para analisar a prática pedagógica dos professores de ginástica, entrevistados na pesquisa experimental.

Por meio de entrevistas com professores de academia de grande e de pequeno porte, será possível fazermos algumas reflexões sobre o papel pedagógico dos professores das academias de ginástica, além de esclarecermos o modo como fazem a mediação dos desejos e expectativas de seus alunos com sua ação prática.

I. A CONSTRUÇÃO CULTURAL DO CORPO BELO

I. A CULTURA

A cultura é uma atividade humana que funciona como um ordenador do relacionamento entre o homem e o mundo (Rodrigues, 1975). Segundo esse autor, a cultura é uma atividade que constrói símbolos e significados no pensamento humano, orientando o comportamento do homem na sociedade. O pensamento do homem, por ser uma construção simbólica, é estruturado por sistemas de significação, para que ele possa interpretar símbolos significantes como palavras, gestos, desenhos, sons musicais, artificios mecânicos ou objetos naturais presentes em seu meio social. É necessário um mecanismo que oriente seu comportamento, já que o que lhe é dado de forma inata são respostas gerais que colaboram com sua capacidade de constante adaptação, mas não regulam seu comportamento com precisão. Desse modo, a cultura age como um sistema ordenador das ações humanas. Geertz (1989) define o que seria o comportamento humano não dirigido por padrões culturais e sistemas organizados de símbolos significantes: “(...) *seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma*” (p.58).

O mesmo autor refere-se à cultura não como sendo apenas um ornamento da existência humana, mas “(...) *uma condição essencial para ela, a principal base de sua especificidade*” (Geertz, 1989, p.58). Para justificar tal posição, estudos científicos destacam uma teoria que relaciona o desenvolvimento biológico e cultural

do homem, denominada Teoria do Ponto Crítico. Trata-se de uma perspectiva que se baseia em um suposto desenvolvimento biológico do homem, anterior ao desenvolvimento cultural. Acredita-se que em algum momento da história humana ocorreu uma alteração orgânica, provavelmente na estrutura cortical, tornando o homem capaz de agir como receptor e transmissor de cultura, diferenciando-o de outros animais.

Seguir essa linha de pensamento significa ter, segundo Geertz (1989), uma concepção “estratigráfica” do homem, ou seja, não analisá-lo sobre um aspecto total, e sim dividi-lo em camadas. E se pudéssemos retirar camada por camada, a primeira estaria relacionada ao fator cultural, a segunda ao fator social, a terceira ao fator psicológico e finalmente a quarta, mais interna, ao fator biológico do ser humano. Analisar o homem segundo essa concepção “estratigráfica” seria o mesmo que justificar seu desenvolvimento biológico independente do componente cultural. E, segundo Geertz (1989), isso significa falarmos de seres incompletos e inacabados, pois a cultura foi o principal ingrediente na produção do homem. Em oposição a essa concepção “estratigráfica”, analisando o homem sob o ponto de vista antropológico, o autor propõe uma relação na qual os fatores biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais possam ser tratados como variáveis dentro de sistemas unitários de análise, de forma que o homem seja concebido segundo uma concepção sintética.

Em estudos recentes, a Teoria do Ponto Crítico torna-se inválida, pois se conclui que esse momento em que se finaliza o desenvolvimento biológico e se inicia o desenvolvimento cultural não existiu. Para se chegar ao gênero hominídeo, caracterizado pelo acúmulo de cultura, não ocorreu uma ou algumas mudanças genéticas, mas uma seqüência, longa, complexa, e estreitamente ordenada (Geertz, 1989).

Os indícios de cultura datam de cerca de quatro milhões de anos com o aparecimento do hominídeo Australopithecíneo, antecessores da espécie *Homo sapiens* que surgiu por volta de 200 ou 300 mil anos atrás. Os primeiros hominídeos já

fabricavam ferramentas simples e provavelmente caçavam, comprovando formas elementares de atividade cultural ou protocultural, fazendo-nos acreditar que ocorreu uma superposição entre a cultura e a natureza animal.

Nessa perspectiva, a cultura deixa de ser um acontecimento ocorrido em um determinado momento da história do homem e passa a ser o motivo principal para a sua existência. Assim refere-se Geertz (1989): *“(...) a cultura, em vez de ser acrescentada por assim dizer, a um animal acabado ou virtualmente acabado, foi um ingrediente, e um ingrediente essencial, na produção desse mesmo animal”* (p.59).

Vale dizer que a superposição entre o desenvolvimento cultural e biológico fez com que houvesse mudanças importantes na anatomia do gênero homínido, principalmente no sistema nervoso central. O aumento do tamanho do cérebro e a conseqüente complexidade da organização nervosa fez o homem moderno refinar seus movimentos diversos, como os movimentos das mãos, da locomoção bípede, a produção de artefatos, a organização familiar, as expressões emocionais etc., tornando-o distante dos “proto-homens” que tinham um cérebro três vezes menor que o nosso. Mas para a Antropologia Social o homem moderno continua vivendo modificações talvez não tão dramáticas como no início da história da humanidade, mas mudanças relativas ao seu meio social como constantes construções de conceitos sociais, devido à importância da cultura para a criação da humanidade. Podemos dizer que o homem é construído culturalmente e é regido por sistemas de significação que se diferenciam de cultura para cultura, criando diferentes homens, construídos por diferentes regras, conceitos e símbolos culturais.

2. O SISTEMA DE SIGNIFICAÇÃO

A sociedade humana tem sido estudada a partir de um ponto de vista tradicionalmente mecanicista. O impacto que causou, no pensamento ocidental, o desenvolvimento das ciências físicas e biológicas, possibilitou uma análise onde se propunha entender a sociedade como possuidora de mecanismos próprios ou como um organismo dotado de necessidades, órgãos e funções. Este tipo de abordagem gerou uma diversidade de pesquisas e construções teóricas no domínio das ciências sociais (Rodrigues, 1975).

Modernamente, na Antropologia Social, existe uma tendência a se estudar a sociedade como um sistema onde os comportamentos, as atitudes e os conceitos criados pela sociedade possuem significado e produzem significação. Segundo Rodrigues (1975), a razão de ser dos elementos que constituem um sistema social é significar. E ainda, ao encararmos que o comportamento humano e as relações sociais constituem uma linguagem, é possível ao indivíduo interagir com o seu meio social, já que a linguagem que os orienta se constitui, dentre os fatos sociais, na mais genuína manifestação humana.

Os fatos sociais consistem, segundo Mauss (1974), na integração dos diferentes aspectos (biológico, econômico, jurídico, histórico, religioso, lingüístico, estético...), que influenciam o meio social e convém ao homem apreendê-los em sua integridade. Mauss classifica o conjunto desses fenômenos sociais como “Fatos Sociais Totais”, pois são condutas humanas que devem ser apreendidas em todas as suas dimensões e, particularmente, em suas dimensões sociológica, histórica e psicofisiológica. Para compreender um fenômeno social total é preciso apreendê-lo totalmente, vivê-lo dentro de um sistema social, já que se trata de uma construção

cultural incorporada pelos indivíduos da sociedade, através de sistemas de representação, estruturados no pensamento humano.

Rodrigues (1975) define o pensamento humano como uma atividade estruturadora inconsciente, que funciona como um ordenador das relações entre o homem e o mundo, visto que necessita determinar e sistematizar, substituindo o aleatório pelo organizado. A cultura assegura ao homem os instrumentos que possibilitam essa estruturação, pois orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Por se tratar de uma convenção, é uma representação abstrata da sociedade, submetida a uma lógica que permite decifrá-la. Viver em sociedade é viver sob a dominação dessa lógica e as pessoas se comportam segundo as exigências dela, muitas vezes de modo inconsciente. O mesmo autor compara a cultura com um mapa:

A cultura, distintivo das sociedades humanas, é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Puramente convencional, esse mapa não se confunde com o território: é uma representação abstrata dele, submetida a uma lógica que permite decifrá-lo. Viver em sociedade é viver sob a dominação dessa lógica e as pessoas se comportam segundo as exigências dela, muitas vezes sem que disso tenham consciência (Rodrigues, 1975, p.11).

Esses sistemas de representação e sua lógica são incorporados pelos indivíduos através da educação, de modo a estabelecer uma certa homogeneidade no sistema social. Porém, os costumes, valores, crenças não possuem, muitas vezes, caráter instrumental, mas são expressões metafóricas, muitas vezes inconscientes, cujas finalidades são teóricas, estéticas, antes que de ordem prática.

Segundo o mesmo Rodrigues (1975), de natureza prática ou teórica, os sistemas de representação estabelecem sobre o mundo classificações, codificações e

transformam as percepções sensíveis em elementos inteligíveis. Impõem às relações sociais presença e atribuição de sentido. Isto é, reconhece nos comportamentos das pessoas diferenças sutis de gestos, posturas, maneiras de se expressar, que exprimem um juízo acerca das relações que existem entre quem participa da interação e entre estes e outros que não se relacionam diretamente com quem está interagindo. Por exemplo, se entrarmos em uma academia de ginástica encontraremos pessoas que submetem seus corpos a uma certa linguagem corporal através da ginástica, uma linguagem que é entendida e significativa para aqueles que estão envolvidos diretamente nessa ação, mas também é compreendida por aqueles que não estão participando dessa atividade. Talvez haja um significado diferente em relação a essa linguagem corporal para os que não estão participando diretamente, mas há um código pré-estabelecido pela nossa cultura, reconhecido e interpretado por todos os membros de nossa sociedade, em que mesmo não participando dessa atividade todos sabem que é uma aula de ginástica.

O sistema de representação fundamenta-se num conjunto de normas que sistematizam valores e significações que possibilitam a comunicação dos indivíduos e grupos dentro de uma mesma esfera. As relações sociais que podemos olhar de fora, creditando a elas uma interpretação objetiva, possuem na verdade uma concepção da realidade, visto que só encontra existência na consciência ou na inconsciência de um sujeito particular. A realidade objetiva em si mesma não possui significação, tendo que ser abstraída para que possamos representar os sentidos que a esta realidade vivida se atribui. Portanto, desde que essencialmente concebida, a sociedade também é uma construção do pensamento.

Ao olharmos para um meio social, notaremos a existência de grupos sociais com diferentes construções de pensamento influenciados pelos diversos aspectos (biológico, econômico, jurídico, histórico, religioso, estético etc.) que constituem um meio social. E por meio dessa construção, é possível identificarmos os diferentes

grupos sociais regidos por uma lógica que atribui sentido e significado para suas ações.

Através desse estudo sobre a construção do pensamento e dos sistemas de representação, e tomando como local de análise as academias de ginástica, podemos pensar que os frequentadores das academias buscam atingir determinados modelos corporais que foram estruturados em seu pensamento pelas influências culturais, atribuindo a esse modelo de corpo um conjunto de significados e representações culturais. Através de uma discussão sobre corpo e beleza vamos tentar compreender a linha de pensamento que norteia os frequentadores de academias de ginástica.

3. O CORPO

Analisar o corpo somente como um padrão universal, em que os homens, mesmo sendo de nacionalidades diferentes, apresentam as mesmas características físicas, implica falarmos de seres desprovidos de cultura, entendendo sua natureza humana como exclusivamente biológica e desvinculada da cultura. Isso nos leva à discussão do homem visto segundo uma concepção “estratigráfica”, de forma que podemos questionar sua própria existência, já que se entende a cultura como o principal motivo da existência humana.

Para além das semelhanças ou diferenças físicas da humanidade, está a construção cultural do corpo, regida por um conjunto de normas sociais que permite ao homem comunicar-se, relacionar-se, expressar-se, enfim, ser um instrumento construído segundo os valores e os significados de uma dada sociedade.

DaMatta (1987) diz ser impossível falar de um corpo sem razão social, sem uma construção cultural. Do mesmo modo, considera absurdo pensar em sociedades sem corpos, um sistema de tal modo desencarnado que sua manifestação pudesse se dar somente por meio de noções e conceitos sem algum suporte material. E conclui que :

Ao falar do corpo temos que procurar as "almas", o que nos leva necessariamente àquele terreno intermediário, entre o universal que todo corpo possui e as flexões que esse corpo sofre quando diferentes sistemas de valores - diferentes "almas" - falam por meio dele (DaMatta, 1987, p.77).

Portanto, quando falarmos do corpo não falaremos de qualquer corpo, mas de corpos específicos, construídos por diferentes culturas.

Ao conceber os elementos culturais de um determinado sistema social tais como crenças, valores e costumes desse sistema, o corpo torna-se representante dessa sociedade, pois nele estarão reunidas particularidades de uma determinada cultura.

O corpo, segundo Daolio (1995b), é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte, sendo que o homem se apropria desses elementos através de um processo de incorporação. Dessa forma, os gestos, as palavras, expressões, língua, comportamentos, as práticas corporais mais praticadas em algumas épocas, os cuidados com a estética do corpo, os padrões de beleza estabelecidos..., enfim, tudo é incorporado ao homem pela cultura.

Rodrigues (1987), quando viveu na Europa, pôde observar brasileiros pela maneira de caminhar, de se vestir, enfim, por elementos específicos de nossa sociedade:

(...) sempre me foi possível reconhecer, de longe e com margem mínima de erro, um brasileiro, homem ou mulher; pela coloração da pele, pela maneira lenta e cambaleante de andar, pelo estilo de vestir-se, pela postura corporal...Reunidos, esses signos corporais raramente conduziam a engano (p.91).

Com esse exemplo, fica explícita uma imagem e uma concepção de corpos brasileiros, que por meio de especificidades ou particularidades culturais, tornam-se representantes de uma determinada sociedade.

Os homens internalizam particularidades corporais do seu meio cultural e servem-se de seus corpos de maneira diferenciada. Mauss (1974) fala sobre as “técnicas corporais”, ou seja, gestos e movimentos corporais próprios de uma determinada cultura que são transmitidos de pai para filho, de pessoa para pessoa, de modo tradicional e eficaz: “(...) Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição” (p.217). E ainda diz que é nisso que o homem se distingue dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral. Através das técnicas corporais podemos explicar os diferentes movimentos corporais e a maneira pela qual diferentes sociedades utilizam-se de seus corpos. Mauss, durante a guerra, pôde observar que as tropas inglesas com as quais ele se encontrava não sabiam utilizar pás francesas, sendo obrigadas a trocar 8.000 pás por divisão quando substituíam uma divisão francesa, e assim inversamente. Isso porque para a utilização das pás era necessário um determinado giro de mão que os ingleses não dominavam e precisariam de tempo para conseguir manuseá-las, pois na pá francesa havia uma antecipação e uma previsão do movimento do indivíduo francês.

Neste exemplo podemos observar o quão específico e representativo é um movimento corporal. Não se trata de avaliar a qualidade do movimento, se a melhor técnica é a do inglês ou do francês, mas o que nos é relevante é perceber as diferenças

culturais expressas pelo movimento corporal do francês e do inglês, o modo diferenciado pelo qual se utilizam de seus corpos.

Daolio (1995a) nos fala que não existe corpo melhor ou pior; existem corpos que se expressam diferentemente de acordo com a história de cada povo em cada região, de acordo com a utilização que cada povo foi fazendo dos corpos ao longo da história. O que nos leva a pensar que os freqüentadores de academias de ginástica podem estar em busca de determinados modelos corporais de beleza que lhes foram introjetados pelo meio cultural. E para eles há sentido e significado no processo de culto ao corpo.

O meio cultural transmite ao homem, por meio de seu corpo, as “técnicas corporais”, marcando nele as diferenças que a sociedade reconhece e/ou estabelece. Assim, como nos fala Kofes (1985): “(...) *cada cultura vai expressar diferentes corpos, porque se expressa diferentemente enquanto cultura*” (p.52).

A mesma autora questiona os discursos do corpo que se referem a uma linguagem própria do corpo: o corpo saudável, o corpo solto, o corpo equilibrado, o corpo belo. Mas conclui que não é possível o corpo ter uma linguagem própria, pois se tivesse, estaria sempre equilibrado, solto, saudável e bonito em todos os lugares, no trabalho, em casa, no clube... Portanto, é mais adequado falarmos, seguindo o contexto da autora, em discursos sobre o corpo, de conceitos construídos sobre o corpo solto, sobre o corpo equilibrado, sobre o corpo saudável e sobre o corpo bonito.

Assim, considerando o corpo como sendo construído culturalmente, podemos supor que existem diferentes construções de corpos e de conceitos sobre beleza.

Lopes da Silva & Ikari (1997) acompanhando a linha de pensamento de uma pequena amostra de praticantes e não praticantes de atividades físicas identificaram a existência da construção de um padrão de beleza generalizado, influenciado pela mídia: “(...) *bonito é o corpo atlético, nem muito gordo, nem muito magro e de estatura média*”(p.45).

Os frequentadores de academias de ginástica, que foi o público representante dos praticantes de atividades físicas na pesquisa citada, chamou atenção pelo modo como cultuam seus corpos e como buscam atingir corpos ideais através da frequência à academias.

Pelo que podemos perceber, existe um processo de criação de modelos corporais de beleza em nossa sociedade, o que leva as pessoas a quererem modificar seus corpos e como meio para isso se tornam adeptos de atividades físicas em academias.

A partir disso e entendendo o corpo como uma construção cultural, podemos dizer que o corpo belo é também uma determinação da cultura, do meio social, e, tratando-se de frequentadores de academias, parece que é um grupo que está em constante busca por atingir um certo padrão corporal de beleza, fortemente influenciado pela mídia. Assim, vamos tentar acompanhar o processo cultural da construção do corpo belo em nossa sociedade, e tentar entender o conjunto de representações que norteiam aqueles que frequentam academias de ginástica.

4. A BELEZA

Podemos considerar a beleza corporal um fato social nas sociedades modernas, pois, pelo que podemos perceber, há uma busca coletiva por um corpo belo, embora haja diferentes construções desse corpo em diversas sociedades e grupos sociais. As sociedades modernas, segundo Featherstone (1994), são geralmente definidas tendo por base a industrialização, urbanização e a administração pública das

populações. As transformações relacionadas à estética corporal caracterizam atualmente essas sociedades, ocorrendo uma constante busca por um corpo ideal construído pelo meio cultural. Podemos encontrar uma diversidade de técnicas de intervenção sobre a estética do corpo, que são criadas e aprimoradas pela indústria da beleza: escamações, deformações, tatuagens, perfurações, cirurgias plásticas, com o objetivo principal de embelezar o corpo.

Segundo Maisonneuve & Schweitzer (1984), o embelezamento do corpo é na realidade um desejo individual e coletivo de ater-se a modelos sociais normativos em relação ao aspecto físico. E, ao intervir no corpo através dessas técnicas alternativas, pensa-se em alcançar uma representação idealizada de si mesmo, na qual a beleza não é a única coisa que conta. Faivre¹ (apud Maisonneuve & Schweitzer, 1984) fala-nos sobre os efeitos esperados pelas pessoas antes e depois das cirurgias plásticas, afirmando que não são simplesmente de ordem estética, mas fundamentalmente de ordem social e de relação.

Ao modificar o aspecto corporal obtendo um aspecto desejável, tende-se a adquirir certo poder social e uma situação familiar ou profissional mais satisfatória. Maisonneuve & Schweitzer (1984) nos dão um exemplo de um indivíduo que se submete a uma cirurgia plástica. Neste caso está sendo modificada diretamente sua realidade exterior e indiretamente a forma como ele é visto pela sociedade, ou seja, serão transformadas também a visão e as atitudes dos outros.

Não somente a cirurgia plástica mas todas as outras técnicas de intervenção corporal escrevem formalmente no corpo os valores culturais próprios do grupo de referência dominante. O corpo e a pele são mediadores, primeiramente de uma impressão, depois, de uma expressão de nossa identidade social, conformista ou desviada, real ou imaginária, em virtude de um processo que implica primeiro escrever

¹ FAIVRE L. Autoplastie de l'apparence ou enquête sur la chirurgie esthétique. *Ethnologie française*, 1976, 6 (3-4), 233-247.

no corpo para depois emitir uma mensagem não completamente verbal mas também de ordem estética (Maisonneuve & Schweitzer, 1984).

Segundo Maisonneuve & Schweitzer (1984), existe uma verdadeira ritualização dos cuidados corporais se considerarmos, por um lado, seu aspecto cerimonial e, por outro, também seu valor simbólico (que indica o lugar e a função do sujeito dentro do grupo). Isto pode ser notado no caso dos cuidados com os cabelos. Podemos encontrar diversos tipos de cabelos: curtos, compridos, crespos, lisos, ondulados, tingidos, com reflexos ou podem não existir, como é o caso dos carecas, além do uso de adornos e perucas. Podemos identificar nos cabelos alguns valores conotativos de um meio social, ou seja, valores culturais significativos impressos nos cabelos e expressos por eles. Maisonneuve & Schweitzer (1984) exemplificam a representação dos cabelos segundo alguns autores: Hinde² diz que os cabelos compridos são símbolos de força (física e política), no entanto, os cabelos curtos ou carecas representam submissão, renúncia, como é o caso de freiras, militares e viúvas. Hoje temos uma conotação diferenciada em relação aos cabelos curtos: jovens usam cabelos tão curtos que chegam a ser quase carecas, e são tidos como modelos de beleza. Segundo Argyle³, os cabelos compridos indicariam atitudes de rebelião e rejeição da integração social. Usariam esse tipo de cabelo os chamados “fora da lei” como, por exemplo, os **hippies**. E os cabelos curtos indicariam atitudes de submissão aos valores dominantes. Podemos notar que hoje há alguns grupos sociais que são adeptos dos cabelos compridos, como por exemplo os “roqueiros” e para esses grupos há um determinado sentido e significado em usar esse tipo de cabelo.

Dessa forma, notamos que através do tipo de cabelo, podemos classificar os indivíduos em grupos sociais, pois seguem a lógica e as exigências de grupos específicos. E isso se deve, como já foi dito anteriormente, por ocorrer uma construção social do pensamento, ou estruturação de sistemas de representação que

² HINDE, R. A *Nonverbal communication*. Londres: Cambridge university press, 1975.

³ ARGYLE, M. *Bodily communication*. Londres: Methuen and Co. Ltda., 1975.

sistematizam valores e significações no pensamento humano, orientando o comportamento dos indivíduos no grupo e na sociedade.

Do mesmo modo temos construído em nosso pensamento o modelo de um corpo belo. Atualmente, ouvimos os mais variados adjetivos sobre o corpo: gordo, magro, saudável, sensual, flácido, forte, prazeroso, feio e bonito. O que seria hoje um corpo belo, um corpo ideal? Estaria associado ao aspecto saúde? À sensualidade? Seria um corpo musculoso?

Daolio (1995b), ao questionar a definição de um corpo bonito, volta ao passado, à épocas em que pintores renomados consideravam sensual e como fonte de inspiração um corpo feminino flácido, gordo, considerado deselegante nos dias de hoje. Em relação aos conceitos de saúde, antigamente era considerado saudável, o corpo robusto, até mesmo gordo. E hoje? Este conceito estaria associado ao corpo magro? E quando nos relacionamos a um corpo não tão jovem, segundo o mesmo autor, são impostos uma série de “consertos” e “reparos” para que este pareça novo, recorrendo-se ao consumo dos produtos da indústrias da beleza: plásticas, cremes anti-rugas, dietas rejuvenescedoras, ginásticas, esportes. Quem define esses adjetivos impostos ao corpo e o seu valor social?

Já vimos, com Kofes (1985), que não existe discurso do corpo mas sobre o corpo. Os diversos discursos sobre o corpo imprimem nos indivíduos valores e representações culturais. Nesse sentido podemos citar alguns discursos sobre o corpo: o corpo saudável, o corpo solto, liberar o corpo, o naturalismo, alimentação adequada, o corpo belo.

Uma vez que os padrões corporais de beleza são estabelecidos pela cultura, e pelo fato do corpo ser um instrumento representativo da sociedade e construído diferentemente por cada sociedade, podemos acreditar que existe não um único padrão corporal de beleza que influencia todos os segmentos da sociedade, mas alguns padrões de beleza que norteiam grupos sociais ou sociedades específicas.

Maisonneuve & Schweitzer (1984) consideraram as diversas formas corporais atendendo à tipologia de Sheldon⁴, que definiu como belo o corpo feminino magro, mas não ao extremo; e o mais feio foi considerado o obeso. E o corpo masculino ideal foi, em todos os estudos desses autores, o corpo musculoso e atlético. Esses autores identificaram divergências entre os ideais masculino e feminino de beleza. Segundo seus estudos, as mulheres valorizam a região pélvica (coxas e quadris), preocupação esta que se relaciona com a discordância que há entre a mulher real (relativamente baixa e gorda) e a mulher ideal representada pela moda (extremamente magra). Os homens já valorizam a musculatura do tórax e dos braços. As mulheres procedentes de famílias tradicionais preferem um corpo masculino em forma de V (mais largo na parte superior do tronco e mais estreito na parte inferior do tronco); já algumas mulheres de famílias não tradicionais e marginalizadas disseram preferir corpos masculinos finos e pouco musculosos (um contramodelo de virilidade).

Em uma pesquisa feita pelo jornal Folha de São Paulo (1995), foi questionado aos homens e mulheres qual a parte do corpo que mais gostam e qual a que menos gostam. A maioria dos homens (27%) responderam que gostam de todas as partes do corpo, enquanto que a maioria das mulheres (21%) disseram que gostam mais dos seios. Ao perguntarem a ambos os sexos sobre a parte do corpo que menos gostam, a maioria dos homens (39%) responderam que nenhuma parte, enquanto a maioria das mulheres (27%) disseram ser a barriga.

Segundo esses dados, podemos identificar diferentes opiniões entre homens e mulheres quanto ao que mais os agrada ou desagradam no corpo, fazendo-nos supor que existem diferentes construções de beleza quando comparamos esses dois grandes grupos.

Em relação à escolha das mulheres em relação à parte que mais gostam do corpo, há um depoimento na mesma pesquisa do cirurgião plástico Alberto De Luiz

⁴ SHELDON, W. H. *Les variétés du tempérament, une psychologie des différences constitutionnelles*. Paris: PUF, 1951.

que observa que “(...) *a brasileira média tem seios grandes e caídos*”, motivo que a leva a procurar os consultórios de especialistas. Mas também o especialista diz ter registrado um aumento na procura de mulheres desejosas de aumentar os seios: duas em cada dez operações hoje buscam esse objetivo. O coordenador de uma grande agência de modelos confirma a preocupação com os seios nos anos 90 e diz que hoje os seios grandes são muito valorizados. Neste caso, há a utilização de métodos de intervenção corporal como a prótese de silicone para aumentar o tamanho dos seios (Folha de São Paulo, 1995).

Assim, podemos identificar um certo padrão de beleza para as mulheres que preferem seios grandes e um outro padrão para as mulheres que preferem seios pequenos, mostrando-nos mais uma vez a diferente construção de beleza corporal dentro do grupo de mulheres em nossa sociedade.

A outra preocupação das mulheres é a barriga, que também sofre intervenções corporais, tais como cirurgias plásticas e lipoaspiração, para tentar alcançar o modelo desejado. Enquanto os homens representam menos de 20% da clientela dos cirurgiões plásticos, pelo depoimento do cirurgião plástico Alberto De Luiz, “*O homem normalmente quer perder a barriga ou implantar cabelos, mas tem medo do que vão achar*” (Folha de São Paulo, 1995).

Juntamente com essas colocações, a pesquisa do jornal Folha de São Paulo (1995) destaca a procura por outros métodos para se alcançar o corpo ideal, entre eles estão: a dieta alimentar, o consumo de produtos dietéticos e a prática de exercícios físicos, sendo que em relação a este último aspecto podemos perceber um acentuado aumento de procura pelas academias de ginástica. Atores e modelos masculinos e femininos dizem ser adeptos da “malhação”, transformando as academias de ginástica em verdadeiros templos de culto ao corpo.

Parece-nos que há um processo precoce de construção do pensamento, que atinge a todos os indivíduos sem distinção de idade, sexo, classe social e cultura, ou seja, o indivíduo incorpora de seu meio social um determinado padrão de beleza

meu padrão (?)

generalizado ainda enquanto criança, por meio da educação. Esse processo constitui-se em verdadeira padronização das regras estéticas, influenciada primeiramente pela civilização grega e depois pela cultura ocidental, provavelmente atribuída a símbolos construídos e valorizados por meios de comunicação (jornais, revistas e televisão) e meios publicitários (juventude, saúde, esporte, moda), símbolos incorporados por personagens prestigiosos (astros cinematográficos, heróis, esportistas, modelos de modas). Featherstone (1994) argumenta que, nas sociedades ocidentais contemporâneas, o processo exacerbado pela busca de uma conduta e um procedimento mais jovem ocorre “(...) *pela forte ênfase na aparência física, na imagem visual que é um dos elementos fundamentais que impulsiona a cultura de consumo*” (p.67). E pelo que podemos perceber, nenhuma outra sociedade produziu e disseminou tal volume de imagens do corpo humano através dos meios de comunicação e meios publicitários:

A paisagem física das grandes cidades, das construções e lugares nos quais fazemos compras ou nos divertimos estão cheios de imagens e réplicas do corpo humano. A vasta maioria dessas imagens, especialmente aquelas usadas para vender mercadorias e experiências por meio de anúncios, são imagens da juventude, saúde e beleza dos corpos. Uma boa parte da promoção da moda, da indústria de cosméticos e de cuidado com o corpo apresenta esses ideais de corpos como algo que deveria ser atingido. A transformação do corpo que levará a uma transformação pessoal é algo que está ao alcance de todos nós. Aqui a mensagem divulgada é simples: “se você se parece bem, você se sente bem!” (Featherstone, 1994, p.67-8).

Ao nos depararmos com essas imagens cotidianas, passamos a idealizar modelos corporais e somos estimulados a desejar ter um corpo parecido com tais modelos de beleza divulgados.

Em nossa sociedade, a busca pelo modelo de beleza vigente tornou-se uma verdadeira obsessão. Segundo dados da Revista Veja (1995), a indústria da beleza aumentou seu faturamento nos últimos anos, ocorrendo um progressivo aumento do número de produtos dietéticos, cosméticos, cirurgias plásticas para fins estéticos e proliferação do número de academias, que se tornaram verdadeiros templos de culto ao corpo. Nas academias de ginástica, por exemplo, ouve-se falar em um aumento do número de atividades oferecidas. Há ginástica para os glúteos, abdome, pernas (GAP), ginástica localizada, ginástica aeróbica, ginástica corretiva, **step**, enfim, multiplicam-se as formas de ginástica e as opções para seus praticantes, na tentativa talvez de aumentar cada vez mais o mercado consumidor que busca aquele corpo ideal construído pela cultura.

Roble (1995) entrevistou consumidores de práticas corporais, os freqüentadores de academias. Eles disseram que para se possuir um corpo bonito é necessária *“(...) uma confluência de fatores que vai desde os genéticos até a alimentação e a prática de exercícios, tais quais o que ele pratica”* (p.28). E os entrevistados deixaram claro que a grande busca não é a do corpo ideal, mas o que se faz presente é a necessidade de “manter-se em forma”, expressão que esclarece a necessidade de exercitar o corpo, cultuá-lo, uma condição estabelecida pelo nosso meio social que faz os indivíduos inconscientemente intervirem em seus corpos e mantê-los o mais próximo possível dentro de um determinado padrão de beleza.

Esse grupo específico de nossa sociedade ganha importância pelo consumo dos produtos embelezadores e das práticas corporais, por meio dos quais o corpo é submetido a um verdadeiro ritual.

Essa busca por um corpo belo envolve, segundo Carvalho (1993), também o aspecto saúde:

(...) esse momento em que vivemos nos passa a idéia de uma época “neurotizada” pela idéia da atividade física/saúde associada à beleza estética como único caminho para o sucesso, para a felicidade e para o dinheiro (p. 115).

Segundo essa autora, há em nossa sociedade uma construção da imagem do corpo belo como sendo sinônimo de um corpo saudável, independente de ser realmente ou não saudável, sendo que o importante é parecer belo e saudável. Para ela a mídia também é grande influenciadora dessa concepção de saúde:

As propagandas que passam a imagem da necessidade de se manter o corpo, dedicando algumas horas do dia a atividades físicas como corrida, caminhada, ciclismo, já são rotina na televisão, nas revistas e nos jornais desde algum tempo (Carvalho, 1993, p.116).

Dessa maneira o indivíduo é constantemente lembrado do seu compromisso com os cuidados alimentares e a necessidade de atividade física na promoção da saúde.

Lopes da Silva & Ikari (1997), entrevistando freqüentadores de academias de ginástica, puderam perceber a forte influência da imagem visual nas respostas em relação ao corpo. Os entrevistados tinham como referencial de beleza pessoas famosas como atores e atrizes de cinema e televisão.

Além disso, observaram que na academia havia imagens do corpo humano em cartazes situados nas salas de musculação e ginástica, e neles ficavam as imagens destacadas de modelos corporais:

Nas salas de musculação havia cartazes de corpos fortes, corpos com aumento de massa muscular. Nas salas de ginástica encontramos o corpo magro, com a musculatura em evidência, mas não com aumento de massa muscular. E os próprios professores de musculação e ginástica tinham uma aparência semelhante a essas produções corporais (p.31-2).

Parece que foi criada uma imagem pública de como se devem parecer os professores. E aqueles que não são necessariamente professores de ginástica e musculação, mas tem uma aparência semelhante, são aceitos socialmente como modelos corporais de beleza. Portanto, os professores, sendo modelos de beleza, podem estimular o desejo de seus alunos em ter um corpo parecido com o deles.

Essa produção de imagens não ocorre somente dentro de academias de ginástica especificamente; há imagens espalhadas por toda parte. Featherstone (1994) argumenta que em nossa sociedade a imagem visual é “(...) *um dos elementos fundamentais que impulsiona a cultura de consumo*” (p.67).

O mesmo autor nos fala sobre as imagens da juventude, saúde e beleza dos corpos que são usadas para vender mercadorias e práticas corporais. Parece-nos que há a necessidade de se ter um determinado modelo corporal, para que se pareça jovem, saudável e bonito. E essa necessidade acaba sendo um estímulo para que as pessoas tenham o desejo de se parecerem com essas imagens. E esse desejo de ser como determinados modelos corporais levam as pessoas a consumirem os produtos da indústria da beleza como produtos dietéticos, cosméticos, medicamentos emagrecedores, praticarem atividades físicas, submeterem seus corpos à cirurgias plásticas e outras modificações corporais.

Além da influente imagem construída pela mídia, podemos notar que há uma tendência em se falar de um corpo fragmentado, como um código cultural, em que é usado uma certa terminologia para partes específicas do corpo. Isso fica bem evidente

nas respostas dos entrevistados frequentadores de academias na pesquisa de Lopes da Silva & Ikari (1997):

Gostaria de ter perna mais grossa, bumbum mais empinado, menos barriga.

Sem excesso de gordura, abdome sem muito excesso de gordura, mais fininho, mais enxutinho, uma perna bem trabalhada, coxa, bumbum trabalhadinho, sem muito quadril, cintura mais fina, o braço também, eu acho que não pode ficar de lado, bem trabalhadinho, fortinho, não muito forte senão fica feio.

Hoje em dia há um maior valor dado, principalmente pela televisão, àquela pessoa musculosa e magra. Seria uma pessoa melhor aceita socialmente, teria mais status social, pois, hoje a beleza é muito valorizada.

Talvez possamos explicar a tendência de fragmentação do corpo pela necessidade imediata apresentada pela mídia, para que as pessoas busquem mudanças corporais, tentando se parecer com certos modelos corporais de beleza. Fragmentar o corpo talvez seja um meio mais fácil encontrado pela mídia para continuar estimulando o desejo do indivíduo e assim fazê-lo acompanhar o processo mercadológico de consumo. Pois, pelo que nos parece, o pensamento norteador desse público é de que modificando partes específicas, os indivíduos obterão resultados mais rápidos do que se fizessem um trabalho global. Podemos exemplificar esse modelo corporal fragmentado através de nomes de algumas aulas de ginástica nas academias: GAP (glúteo, abdome e pernas), CGP (coxas, glúteo e pernas), ginástica localizada, **step**, etc.

Aqueles que buscam um ideal de corpo, tendo como orientadores as imagens públicas, parecem estar tentando modificar diretamente sua realidade exterior e indiretamente a forma como são vistos pela sociedade. E ao serem ou se parecerem com aquele corpo imaginário, estão modificando a expressão de sua identidade social, já que, segundo Maisonneuve & Schweitzer (1984), o corpo e a pele são mediadores primeiramente de uma impressão, depois, de uma expressão de nossa identidade social. E assim passam a transmitir através desse corpo idealizado, imaginário, uma mensagem que irá modificar sua colocação no grupo e seu relacionamento social, já que vão passar a representar papéis sociais diferentes.

Não teria sentido falar de imagens e de seres belos sem tentar entender o que representam para a sociedade. A grande preocupação com a estética corporal nos diversos segmentos de nossa sociedade fundamenta-se em uma mudança não somente em relação ao aspecto físico, mas ao tipo de papel que a pessoa passará a representar. Segundo Maisonneuve & Schweitzer (1984), ocorrerá uma transformação no modo como o indivíduo será visto pela sociedade. Seguindo a linha desses autores, ao modificar o aspecto corporal, obtendo um aspecto desejável, tende-se a adquirir certo poder social e uma situação familiar ou profissional mais satisfatória. Lopes da Silva & Ikari (1997) puderam observar esse conjunto de representações nas respostas de seus entrevistados:

Eu acho que com uma boa aparência você arruma emprego melhor, quando passa perto de outras pessoas é mais notada, olhada (...).

A sociedade vai muito pela aparência, eu acho mais fácil ser bonito para arrumar emprego, namorada, sempre a primeira coisa, que você bate o olho é no rosto e no corpo.

Uma mulher mais bonita tem mais poder.

As respostas foram associadas à questão de se adquirir certo poder social, e uma melhor situação profissional, mas também relacionaram o corpo bonito à imagem de um corpo mais saudável e atraente.

Em relação à atração física, eu acho muito importante ter um corpo bonito, se você está em uma festa, você procura alguém bonito para depois se aproximar. Em um relacionamento eu acho importante inicialmente a beleza física.

Eu acho que está associado a corpo saudável, saúde. Tanto é que é chamado geração saúde (...).

Daolio (1995b) questiona como definir um corpo bonito, ou um corpo atraente, e o próprio conceito de saúde que antigamente era associado a um corpo robusto, hoje parece estar relacionado ao corpo magro. Se olharmos para o nosso passado, iremos perceber que havia uma outra construção do corpo bonito, do corpo atraente, e do corpo saudável. Mas olhando para o contexto cultural de épocas passadas, havia sentido e significado um corpo feminino flácido ser considerado um corpo sensual e inspirador de pintores famosos. E hoje, para nossa sociedade, um corpo flácido, gordo, é um contramodelo de beleza, devido a diferentes regras estéticas construídas por nosso meio social.

A maioria dos entrevistados de Lopes da Silva & Ikari (1997) associaram a imagem do corpo belo ao corpo saudável, e à prática de atividades físicas, talvez por terem estruturado no pensamento a imagem do corpo em movimento, como sendo um corpo saudável.

Representa ser um jovem mais saudável, preocupado em manter o corpo, não só o corpo, mas a saúde.

Todo mundo está preocupado agora é em ter corpo bom, ser magro, cuidar do corpo, para ter uma vida melhor, ter saúde.

Podemos identificar a divulgação do corpo saudável associado ao corpo em movimento nas propagandas de tênis, produtos dietéticos, artigos esportivos etc. Como se a atividade física fosse uma necessidade para que seja saudável. Carvalho (1993) nos fala que:

(...) a atividade física, ao tempo que canaliza a atenção da sociedade para sua capacidade de delinear corpos saudáveis, fortes, belos, mascara outros determinantes do setor saúde e do quadro social brasileiro (p.52-3).

E essa imagem do corpo belo é atualmente divulgada como sinônimo de corpo saudável. E as atividades físicas tornaram-se, talvez, o principal meio para ser bonito e saudável. Como afirmam alguns entrevistados de Lopes da Silva & Ikari (1997):

Eu acho importante fazer ginástica. Eu, quando venho aqui, relaxo, esqueço os problemas de casa. E também para a saúde e para o próprio físico, é sempre bom.

Com a atividade física há uma melhora da saúde, da aparência(...).

Notamos que há uma concepção de saúde que independe de ser realmente saudável. O conceito de corpo saudável introjetado à nossa sociedade enfatiza a imagem do corpo saudável associada à prática de atividades físicas, controle alimentar, consumo de determinados produtos dietéticos e medicamentosos, e o indivíduo participante desse processo mercadológico concebe essa imagem e passa a consumir e acreditar que está fazendo algo em prol de sua saúde. Como disseram alguns dos entrevistados de Lopes da Silva & Ikari (1997):

Para levar uma vida saudável, é praticar esportes, não exagerar com as bebidas, ter controle de emoções, não deixar se alterar com tantas coisas, não se estressar, ficar preocupado demais.

É uma coisa de consumismo, o corpo é vendido como um produto, com a atividade física a pessoa se torna mais desejável, ser mais interessante, e a saúde é uma consequência da atividade física que as pessoas vão procurar pelo motivo da estética e ganham saúde.

Saúde é estar bem consigo mesmo, estar bem fisicamente e mentalmente, estar com energia, disposição para fazer suas tarefas e não ter problemas de saúde, se alimentar bem, fazer atividade física.

Em contradição a essa imagem pública, de que um indivíduo torna-se mais saudável praticando atividades físicas, Carvalho (1993) cita casos em que a atividade física agravou problemas de saúde. Em estudos feitos com a sociedade norte-americana, concluíram que a atividade física agravou problemas cardiovasculares independente do sexo, hábitos de vida, faixa etária, entre outras variáveis. De modo que a atividade física, ao invés de ser um meio de prevenção, neste caso retardou a

manifestação da doença e, especificamente, a doença crônico-degenerativa, que tem como determinante o estresse e a alimentação, dentre outros fatores.

Portanto, nem sempre o que nos parece uma imagem saudável é uma realidade. Mas, seguindo a lógica cultural que orienta alguns grupos sociais, o importante é parecer saudável, para que se pareça bem, forte e belo.

Considerando todos esses dados, podemos identificar uma relação entre a construção da beleza corporal, a preocupação com a estética e a saúde. Seguindo a linha de pensamento dos entrevistados de Lopes da Silva & Ikari (1997), percebemos que submetem seus corpos às atividades físicas, consomem produtos e controlam a alimentação para se enquadrarem nos padrões corporais atuais de beleza, e ao tentar modificar o aspecto físico, modificam seus papéis na sociedade. Ao se tornarem pessoas mais bonitas e aparentemente saudáveis, passam a obter maior **status** e melhores condições familiares e profissionais.

Parece-nos que a mídia tem grande influência nesse processo de construção do ser belo e ser saudável, atingindo alguns grupos sociais que, ao incorporarem os modelos corporais de saúde e beleza, passam a representar papéis significativos em nossa sociedade.

Baseando-nos neste trabalho desenvolvido por Lopes da Silva & Ikari (1997) em relação à construção corporal da beleza, podemos pensar que os frequentadores de academias de ginástica desejam ser como alguns modelos corporais de beleza influenciados pela mídia, e que procuram as academias como meio para se atingir tais padrões corporais.

Parece-nos que os professores das academias, são também influenciadores dessa construção de corpos ideais e podem manter seus alunos motivados para alcançarem tais modelos corporais de beleza. Talvez o modo como vão mediar os desejos de seus alunos com sua prática, vai depender de dois fatores: sua visão crítica frente a todo esse processo cultural, e, sua vivência anterior com relação às práticas

corporais. Podemos pensar também que influenciados por esses dois fatores, os professores irão construir sua proposta de trabalho.

Na academia podemos encontrar relações distintas de lazer e trabalho quando pensamos nos freqüentadores e nos professores. Segundo Melo (1997) a academia é um espaço de lazer para seus freqüentadores, enquanto para o professor é o seu espaço de trabalho. Essa mesma autora nos diz que para os freqüentadores “(...) *há uma evidência de uma relação que caminha no sentido trabalho-lazer*”(p.95), e, já para os professores “(...) *uma relação que caminha no sentido lazer-trabalho*”(p.95). Ou seja, de acordo com essa linha de Melo, o trabalho dos professores é influenciado por uma vivência anterior de seu tempo livre com alguma atividade esportiva. Assim, podemos pensar que os professores são também orientados por sua vivência anterior, e a partir disso vão direcionar ou estruturar a sua proposta de trabalho.

(...) a prioridade dedicada à prática de uma determinada modalidade ou, a ênfase dada a um determinado aspecto do treinamento, parece depender diretamente da vivência dos professores e proprietários dessas academias naquela modalidade específica. Nesse sentido, a proposta de trabalho e a intervenção dos profissionais, chega a confundir-se com a experiência de cada um. O fato dos indivíduos terem praticado anteriormente alguma atividade física, orienta a própria constituição da academia (Melo, 1997, p.95).

Levando em conta todas essas considerações, faremos uma reflexão sobre o papel pedagógico dos professores nas academias de ginástica, além de tentarmos esclarecer o modo como esses profissionais fazem a mediação dos desejos e expectativas de seus alunos em relação à beleza corporal com sua ação prática. Para

isso estaremos investigando o modo como conduzem suas aulas e o que pensam sobre esse processo cultural pela busca por corpos ideais.

II. O PAPEL DOS PROFESSORES DE GINÁSTICA

Seguindo nosso referencial teórico, iniciamos nossa pesquisa de campo entrevistando os professores de ginástica. Dividimos os professores em dois grupos: os professores de ginástica de academias de grande porte e os professores de ginástica de academias de pequeno porte. Inicialmente, pensamos em dividir os professores de ginástica nesses dois grupos porque talvez pudéssemos encontrar diferenças com relação à prática pedagógica deles, como de fato detectamos algumas diferenças nas práticas desenvolvidas nestes dois tipos de academias.

Fomos à cinco academias de ginástica na cidade de Campinas, sendo duas de grande porte e três de pequeno porte. Entrevistamos um total de dez professores de ginástica, um grupo de cinco professores de academias grandes e outro de cinco professores de academias de menor porte. Todos os professores são licenciados em Educação Física. O número de entrevistados mostrou-se suficiente para os objetivos da pesquisa.

Para essa classificação das academias, levamos em consideração a estrutura física (espaço físico e instalações), número de funcionários, número de frequentadores⁵ e a diversidade de práticas oferecidas pelas academias. Além de considerar que as grandes academias de ginástica geralmente aparecem em **outdoors** e faixas espalhadas pela cidade, e, estão eventualmente realizando algum evento grandioso para sua promoção, ou seja, são as academias mais conhecidas na cidade. As academias de ginástica de pequeno porte não fazem grandes investimentos desse

⁵ Não foi feito um levantamento em relação à quantidade exata de funcionários e frequentadores de cada academia, no entanto, ao comparar os locais percebemos que havia uma nítida diferença em relação aos números. Na academia que julgamos ser de grande porte, o número de funcionários e frequentadores era muito maior do que naquelas que classificamos como sendo de pequeno porte.

tipo, tornando-se conhecidas a partir dos comentários de seus frequentadores a outras pessoas, ou através de panfletos informativos para distribuição interna.

A localização também é um ponto estratégico para se atingir o público desejado. Enquanto as grandes academias estão situadas em regiões centrais da cidade, ou em locais estratégicos onde há uma grande circulação de pessoas como os **shopping centers**, as pequenas academias que visitamos, estão localizadas em bairros distantes do centro da cidade, e o público alvo é composto pelos próprios moradores do bairro. Duas dessas academias eram as próprias casas das professoras, dispunha de uma sala para as aulas e um outro espaço para materiais, e em uma delas tinha até alguns aparelhos de musculação.

As academias de grande porte, além de oferecerem diversos tipos de ginástica como **step**⁶, **GAP**⁷, abdome, cardiofunk⁸, aerobahia⁹, alongamento, ginástica localizada etc; oferecem mais que uma prática simultaneamente, pois nessas academias há mais que uma sala de ginástica, além da sala de musculação. As turmas não são fixas, portanto, os alunos podem escolher a aula que querem fazer, nos horários disponíveis. Na primeira academia de grande porte que fomos, tinha também à disposição das crianças, filhos dos frequentadores, uma sala apropriada e um funcionário para ficar brincando com as crianças enquanto seus pais fazem suas aulas.

Já nas academias de pequeno porte, não havia essa divisão da ginástica como nas academias maiores. As turmas são fixas e os professores programam suas aulas baseando-se em três tipos principais de ginástica: ginástica aeróbica ou **step**, ginástica localizada e alongamento. Uma das professoras entrevistadas programa sua aula de outra maneira, sua aula não se caracteriza somente por um ou por outro tipo de

⁶ Aula caracterizada pela utilização de um bloco de madeira denominado **step**, onde os movimentos são feitos sobre esse bloco.

⁷ Abreviação de glúteo, perna e abdome.

⁸ Aula que é caracterizada por movimentos da dança e pelo acentuado trabalho cardiovascular.

⁹ Aula que também envolve os movimentos da dança, caracterizando-se pelo ritmo das músicas baianas.

ginástica, geralmente, ela divide a parte principal da aula em duas, uma parte mais aeróbica¹⁰ e outra mais localizada¹¹.

Além da ginástica, as duas academias de grande porte e uma das academias menores ofereciam outros tipos de atividades, mas vamos nos restringir a comentar e analisar somente as aulas de ginástica.

Nas academias consideradas de grande porte há aulas que chegam a ter 50 alunos, a média fica entre 35 e 40 alunos, sendo que, como dissemos anteriormente, as turmas não são fixas, ou seja, em cada aula há uma composição diferente das turmas. Com exceção de um professor que tem uma turma fixa com aproximadamente 20 alunos.

Nas academias de pequeno porte o número de alunos é bem menor, não chegando a 10 alunos por aula. A média é de 4 a 6 alunos. Além do fator das turmas serem fixas, ou seja, uma turma tem sempre o mesmo horário e compõe-se pelas mesmas pessoas, ou seja, esta turma tem sempre o mesmo horário e sempre as mesmas pessoas.

Os dois tipos de academias atendem ao público de diferentes faixas etárias, mas a maioria dos frequentadores estão entre 20 e 40 anos.

A pesquisa com os professores de ginástica foi feita através de entrevistas semi-estruturadas e roteiro básico, procedimento considerado por Triviños (1987) como um dos principais meios na pesquisa qualitativa em ciências humanas. Seguindo esse roteiro básico, procuramos deixar que os entrevistados organizassem a linha de seu pensamento e de suas experiências.

Ao analisar os dados coletados, devemos considerar que trata-se de uma pequena amostra para que possamos fazer algumas reflexões sobre o papel dos professores de ginástica. Assim, não podemos generalizar as respostas de nossos

¹⁰ Atividades de consumo de oxigênio, que promove o gasto de ácidos graxos (gordura corporal), realizada em um tempo prolongado, com baixa ou média intensidade e ritmo constante.

¹¹ Envolve um trabalho muscular localizado, com uma maior intensidade e, em menor tempo, promovendo o fortalecimento muscular.

entrevistados, afirmando que todos os professores de ginástica pensam e desenvolvem sua prática da mesma forma, já que nessa pequena amostra pudemos notar que existem algumas diferenças no desenvolvimento de sua prática. Além disso, não fizemos um acompanhamento observatório das aulas, somente entrevistamos os professores. Portanto, ao interpretar os dados coletados, estaremos nos referindo às respostas de nossos entrevistados especificamente.

Pudemos constatar algumas diferenças entre a prática pedagógica dos professores de ginástica de academias de grande e de pequeno porte, que nos pareceu estar ligadas ao tipo de academia.

Como foi dito anteriormente, na pesquisa de campo não foi feito um acompanhamento observatório das aulas, no entanto, houve alguns momentos em que estávamos à espera dos professores e portanto, pudemos assistir partes de sua aula. Na primeira grande academia que fomos, observamos que o professor estava dando aula sobre um plano mais elevado que os alunos e utilizando um microfone fixado em sua roupa, de maneira que, dizia aos alunos o que era para ser feito e simultaneamente executava o movimento. E eventualmente descia e ajudava um ou outro aluno na execução. Na segunda grande academia que visitamos o professor ficava no mesmo plano que os alunos, mas utilizava também o microfone.

Isso leva-nos a pensar que pela própria disposição dos alunos e do professor há um certo distanciamento nessa relação professor-aluno e, a utilização do microfone pode não permitir que o professor converse com seus alunos, ficando limitado a transmitir e explicar o exercício. O interessante é que fomos às academias de grande porte no fim da manhã, portanto, não estávamos no “horário de pico”¹² das academias de ginástica. E mesmo havendo poucos alunos (entre cinco e oito), o professor estava com o microfone. Parece-nos que a utilização do microfone não se restringe ao uso funcional desse material, sendo também utilizado como parte da imagem sofisticada

¹² Como são chamados os horários em que as aulas estão mais cheias.

desse tipo de academia, já que, mesmo havendo poucos alunos na aula, os professores desenvolvem sua prática com o microfone.

Nas academias de pequeno porte com uma organização bastante diferente das academias maiores, pareceu-nos que não se caracterizam por grandes sofisticções. Baseando-nos nas três academias que visitamos, podemos dizer que esse tipo de academia prioriza o bom relacionamento interpessoal e o tratamento mais individualizado a seus alunos. Isso fica claro nas respostas de alguns professores:

Eu sou também amiga deles, eu os conheço bem, quando faltam eu sei que é por algum motivo que já tinha comentado.

Eu corrijo muito em minha aula, eu páro e corrijo, principalmente nas primeiras aulas de uma aluna iniciante, eu páro para corrigir, eu pego na aluna, acho que tem que pegar para ela sentir, na minha opinião você tem que ter o contato físico professor-aluno.

(...) é um trabalho bem específico para ela (aluna), primeiro é um trabalho todinho de consciência corporal, acertar postura, soltura, até chegar em um trabalho mais localizado, é um trabalho diferente.

Parece haver um relacionamento muito mais próximo entre os alunos e o professor nessas academias do que nas academias de grande porte. Nessas últimas, além da utilização do microfone e do plano diferenciado em que fica o professor e os alunos (como identificamos em uma das academias), as turmas são maiores e pode não ser muito freqüente a presença de um mesmo aluno em uma turma, já que fica a critério dele fazer a aula que lhe convier. Talvez os professores não consigam nem memorizar os nomes dos alunos.

Será que não é por essa diferença em relação às grandes academias, que as de pequeno porte sobrevivem? Não tendo grandes sofisticções, aparelhagens modernas, muitas opções de horários, mas nas pequenas academias, talvez haja uma preocupação maior com a individualidade do aluno, o professor tem oportunidade de conhecê-lo melhor e saber de suas necessidades. Se pensarmos que os freqüentadores das pequenas academias são cotidianamente bombardeados pela mesma mídia e, recebem as mesmas influências culturais que os freqüentadores das grandes academias, a tendência seria não existir mais as pequenas academias de ginástica, todos se tornariam freqüentadores das grandes academias. Entretanto, com um pequeno número de alunos por aula, os professores talvez consigam contribuir de tal modo na vida dessas pessoas, fazendo-as não se aderirem a esse processo massificador. Uma das professoras disse que sua aluna mais antiga faz suas aulas há oito anos, fato que demonstra o quão significativo deve ser para ela ir a essa academia e a importância dessa relação com a professora.

Um outro dado que nos indica a preocupação com a individualidade dos alunos é o acompanhamento ou avaliação que os professores das pequenas academias fazem periodicamente.

Eu tomo as medidas, converso sobre alimentação, no início as medidas são tiradas, depois mais ou menos em uma freqüência de dois a três meses.

Faço uma avaliação quando entram e tiro as medidas corporais de dois em dois meses.

Recomendo que tragam exame médico assim que entram e tiro as medidas uma vez por mês com fita métrica e peso.

Faço uma ficha de anamnese¹³ assim que o aluno entra, e, tiro suas medidas de seis em seis meses.

Um professor disse fazer somente medição da frequência cardíaca em todas as aulas. Em uma das academias havia o aparelho para fazer o exame de bioimpedância¹⁴, no entanto, poucas pessoas se propunham a fazer esse exame, pois, isso envolvia um custo além da aula que a pessoa já pagava.

Podemos questionar esse modo de avaliação utilizado pela maioria dos professores, talvez o mais adequado seria fazer um outro tipo de avaliação em que fosse possível obter dados que lhes dessem uma melhor idéia sobre a condição física do aluno. Mas o meio utilizado por eles não deixa de ser uma forma de estarem acompanhando, mesmo que de maneira superficial, as reações orgânicas dos alunos que surgem com as aulas de ginástica.

Já esse acompanhamento não acontece nas academias de grande porte que pesquisamos. Apesar de toda a estrutura que torna possível encontrarmos os mais modernos equipamentos e aparelhagens, os alunos fazem uma avaliação física somente quando entram na academia. A maioria dos professores disseram que esse acompanhamento individual não faz parte do papel deles. Um professor justificou-se dizendo que a avaliação física tem um preço adicional e mesmo pedindo para que o aluno esteja temporariamente fazendo, nem todos têm condição financeira para isso.

*Não tem esse acompanhamento em cada um, pois, isso é mais o caso de um **personal trainer**. Se for um tratamento individualizado vou descaracterizar minha função aqui dentro.*

¹³ Uma espécie de um questionário que envolve perguntas relacionadas ao estado de saúde do indivíduo, o motivo que o levou a fazer tal atividade física, a idade, peso etc.

¹⁴ Avaliação física através de um aparelho que emite estímulos elétricos.

(...) não porque aí eu já vou entrar em um trabalho personalizado, coisa que eu não faço aqui na academia (...).

*(...) Não faço avaliação individual, isso já é um trabalho para o **personal trainer**, ele (aluno) faz uma avaliação quando entra e depois indicamos que façam novamente, mas, é difícil, porque a avaliação custa caro, então nem todos fazem.*

O interessante desses relatos é a justificativa que dão por não fazerem um acompanhamento com seus alunos, dizendo que essa é uma função para o profissional de **personal training**, e, portanto, consideram que esse acompanhamento individual dos alunos não faz parte do papel do professor de ginástica na academia. Mas será que dizendo isso não estão de certa forma se eximindo de suas responsabilidades como professores? Ou será que o surgimento do profissional de **personal training** não advém da necessidade de um acompanhamento e de uma maior atenção com relação à individualidade dos praticantes, que os professores de grandes academias não dão conta de fazer?

De qualquer maneira, a criação do profissional de **personal training** não parece ser solução para essa necessidade, já que com a proliferação do número de academias de ginástica é de se esperar que aumente o número de adeptos das práticas nas academias. E portanto, as turmas com 30, 40, 50 alunos vão continuar existindo. Mas será que os professores de academias de ginástica de uma maneira geral fazem questionamentos sobre o seu papel na academia? Ou melhor, qual é o papel deles na academia? E o que pensam sobre esse processo cultural que faz com que as pessoas idealizem um modelo de corpo levando-as a buscarem esse corpo nas academias de ginástica?

A maioria dos professores entrevistados, tanto os de academias de grande porte como os de academias de pequeno porte, não se consideram professores, acham

que o seu papel na academia está mais relacionado com uma instrução ou orientação dos exercícios aos alunos.

*Eu sou instrutor, instruo a pessoa a fazer ginástica correta, procuro corrigir, mostrar como se deve fazer o exercício correto: postura, abertura, flexão de quadril, tipo um instrutor mesmo, um **personal trainer** no caso.*

*Minha maior preocupação é proporcionar às pessoas um bem estar físico, estar de bem com ela mesma (...) Eu me baseei muito nessa onda de **personal trainer**, eu defino isso para mim, é uma coisa muito personalizada mesmo.*

Eu acho que sou uma orientadora em questão corporal (...) faço um trabalho e falo o que ela está fazendo, mostro para ela, que tipo de grupo muscular, o que ela está fazendo. Ela tem que estar preparada mentalmente para isso também (...) deixar seus problemas lá fora, você é amigo, psicólogo, um monte de coisa antes de ser professor.

Eu acho que sou uma orientadora (...) professor mexe mais com ensino, aqui eu oriento meus alunos a fazerem um exercício de forma correta, sou também amiga deles (...).

Eu ensino, ensinar toda filosofia voltada a saúde e estética, pra que ele tire mais proveito (...) sou também psicóloga do aluno, tudo que eu prezo acontece, consigo passar essas coisas sobre saúde, estética, prazer, sair desse estress que é nossa vida diária.

O que eu faço é uma orientação, eu oriento a pessoa, (...) me considero orientadora, educadora e professora.

Eu preferia ser chamado de amigo, amigo do peito de verdade.

A minoria se considera professor:

*Eu me considero professora sim, eu estudei para isso, esse termo **instructor** em inglês foi criado, mas isso foi tirado do **personal training** que é um trabalho mais individualizado que teremos aqui em breve.*

Eu me considero professor mesmo, eu passo uma informação.

Eu me considero professora porque eu me acho muito responsável naquilo que estou fazendo, um professor tem que ter muita responsabilidade e interesse.

Nas respostas também podemos observar que alguns professores falaram também de uma relação de amizade, e, somente três responderam claramente que são professores sem associar qualquer outra denominação à sua função.

O que devemos também considerar é que todos os professores são licenciados em Educação Física, ou seja, eles foram preparados para serem professores de Educação Física. Entretanto, não é o que a maioria dos professores entrevistados considera ser. Isso leva-nos a pensar que, se não se consideram professores, talvez não se envolvam com os processos de ensino-aprendizagem em suas aulas. Sendo

assim, como agem com aquele aluno que nunca fez atividades físicas e gostaria de fazer uma aula de ginástica?

Nas academias de grande porte as aulas de ginástica são divididas em três níveis: iniciantes, intermediários e avançados. No entanto, essa divisão pareceu estar mais relacionada com as capacidades físicas dos alunos como força e resistência física, do que com graus de aprendizagem.

(...) se ela nunca fez atividade física, de acordo com a condição física dela há uma indicação para ela fazer aula para iniciantes, programa básico na musculação para melhorar seu condicionamento aeróbio, (...)começar devagar, poucas coisas por dia (...) de acordo com o seu condicionamento ela vai fazer uma aula mais avançada (...).

(...) indicar aulas mais de iniciantes, basta ele continuar treinando, querer de verdade que ele vai voltar em uma aula de funk com a forma normal, nada para deixá-lo frustrado, fazer com que ele perceba que é um caminho a ser seguido, é como construir uma casa, tem que começar a ser construída pelo alicerce, para se chegar ao telhado, não adianta começar pelo telhado, tem que passar por uma avaliação física, musculação para preparar as articulações, musculatura, para se preparar para uma aula de funk.

Com esses exemplos, fica evidente a preocupação com o estado fisiológico do aluno. No entanto, não podemos dizer o mesmo sobre a preferência do aluno em relação à prática que ele escolheu fazer. Por exemplo, o aluno gostaria de fazer aulas de ginástica, mas por ele não ter uma vivência anterior com atividades físicas,

aconselham-no a começar pela musculação. Podemos nos basear na resposta do segundo professor, em que ele indicaria primeiramente a musculação para depois fazer uma aula de funk (cardiofunk), e se o aluno não gosta de musculação, e foi procurar a academia para fazer a aula de funk (cardiofunk), por que ele não pode adquirir um melhor condicionamento e aprender a dominar melhor seu corpo a partir dessa própria aula?

Talvez esses questionamentos estejam relacionados com aquela concepção de corpo ideal, já discutida anteriormente, em que algumas práticas surgem como meio mais imediato para se adquirir mudanças corporais, como é o caso da musculação. E essa preocupação quanto ao condicionamento físico global dos alunos pode fazer parte do conceito de saúde construído pela nossa cultura, que parece estar relacionado ao conceito de corpo ideal, em que Carvalho (1993), citado anteriormente, detecta essa idéia da “(...) *atividade física/saúde associada à beleza estética como único caminho para o sucesso, para a felicidade e para o dinheiro*” (p.115).

O conceito de saúde associado ao corpo belo parece também orientar o professor quanto às suas recomendações ao aluno iniciante ou aquele que não se enquadra nos padrões corporais de beleza atuais:

Se ele (aluno) for muito gordo, eu não recomendo uma ginástica de solo, falo para ir para uma hidrogenástica, lá ele vai evitar um monte de lesões, impactos, porque por mais que a gente converse com uma pessoa muito gorda, ela se olha no espelho e percebe que todo mundo está prá lá e ela está prá cá. Se você vai dar uma aula de aeróbica, essa pessoa não vai acompanhar, só se ela tiver uma coordenação muito legal. Mas eu não restrinjo não, passo tudo o que tem que passar, falo, incentivo, mostro como tem que ser feito,

ai a pessoa vai vendo, se ela se adaptar, tudo bem, senão eu incentivo ela a ir para uma hidroginástica.

Com esse exemplo, o professor considera que não faz parte de seu papel ensinar algo que o aluno ainda não domina. O professor acha que se o aluno não se adequar à sua aula, a culpa não é dele, é do aluno. E mesmo dizendo “*Mas eu não restrinjo não (...)*”, ele parece estar se contradizendo, pois, ele já está restringindo ou excluindo o aluno de sua aula quando indica para ele uma outra atividade física, como se pelo fato do aluno não ter um corpo que se enquadra aos padrões estéticos atuais, torna-se mais adequado para ele outras práticas como a hidroginástica, mas não a aula de ginástica. Isso parece ser um indicativo de que os professores também são influenciados pelo mesmo processo cultural, e não parecem ser críticos frente a essa construção de corpos idealizados em nossa sociedade.

Esse processo cultural, ao qual comentamos anteriormente, faz com que os indivíduos de um determinado grupo ou sociedade incorporem padrões corporais de beleza, de forma que, passam a idealizar um determinado modelo de corpo e vão em busca desse corpo. Segundo Melo (1997)

A conquista desse corpo ideal, esse aperfeiçoamento corporal, demanda uma determinada disciplinarização das atitudes, das posturas, dos hábitos, como já foi possível perceber diante da numerosa lista de técnicas corporais existentes (p.115).

Os professores de academias de ginástica desempenham um papel fundamental, pois são mediadores dos desejos e expectativas de seus alunos que são orientados por esse processo cultural. Cabe, portanto aos professores, fazerem essa mediação através de sua ação prática.

Pelo que pudemos perceber, os professores entrevistados também influenciados por esse mesmo processo cultural, idealizam corpos e a maioria parece ter como referencial os mesmos padrões estéticos que Lopes da Silva & Ikari (1997) detectaram nas respostas de seus entrevistados, que consideraram como sendo bonito o corpo atlético. E falaram também do corpo belo como sendo também o corpo saudável.

Um corpo belo na visão estética é o corpo definido; na visão do psicológico é você se aceitar como você é.

É tudo no lugar: pernas torneadas, cintura e musculatura bem definida.

Saudável em primeiro lugar, trabalhando uma boa alimentação e uma boa parte de ginástica.

Acho que tem que ser um corpo modelado de acordo com sua estrutura, isso a nível de estética.

Como uma pessoa qualquer eu defino que ter um corpo belo é se sentir bem, se sentir saudável, como professora é estar em forma, “sem gordurinhas”, é preciso ser assim, pois vamos passar uma imagem ao aluno, somos o centro para o aluno.

Nesta última resposta, pudemos notar o que a professora pensa sobre sua própria imagem, a necessidade de se parecer assim, a referência que ela considera ser para seus alunos. Em todas essas respostas ficou evidenciado aquela construção da imagem do corpo belo e saudável.

Quanto ao modo como os professores fazem a mediação dos desejos e expectativas de seus alunos com sua prática, notamos que os professores utilizam três procedimentos para isso: orientam seus alunos ao modo como devem se alimentar, aconselham os alunos a não ultrapassarem seus limites e adquirirem o hábito de uma atividade física constante e falam que é necessário ser persistente para que possam ter algum resultado com relação às mudanças corporais.

Na minha ginástica para pessoas mais gordinhas, tento passar para elas que fiquem sempre nos seus limites, assim irão atingir o objetivo melhor, não ficar se comparando com a magrinha que vai estar ao seu lado, isso não.

(...) não vai ficar do jeito que você quer, é muito difícil, tem que ser muito persistente, e, tem muita gente que tem força de vontade, e se não tem, em pouco tempo pára, ginástica é pesado, é dolorido (...).

Falo que para isso (mudanças corporais) ela precisa de controle alimentar e também de um certo tempo, recomendo também a musculação para aqueles que querem modificar partes localizadas do corpo.

Conscientizar que a pessoa precisa ter insistência, perseverança e dedicação.

Precisará de muita paciência e persistência, e acredito que ele conseguirá, mesmo que seja para nos surpreender, depende muito da força de vontade de cada um, é só querer que pode ser possível.

*Eu falo a verdade, a pessoa fala: em um mês eu vou emagrecer?
Eu digo: não, Se você não impor uma atividade física constante e
uma alimentação adequada.*

Esse é o modo como a maioria de nossos entrevistados lida com a busca de seus alunos por corpos ideais. Parece que a maioria dos professores procuram incentivar os seus alunos a obterem o corpo desejado. Somente uma professora disse que tenta conscientizar seus alunos de que precisam se sentir bem com seus próprios corpos, que ele vai ser trabalhado, vai melhorar, mas não vai chegar àquele corpo ideal de uma atriz que ela vê na televisão.

Portanto, podemos pensar que essa forma de mediação é fruto de um processo cultural que atinge todos os segmentos de nossa sociedade. Pensando nos professores de academias de ginástica, poderíamos supor que, pelo fato de terem uma formação superior, pudessem ter uma visão mais crítica frente a esse processo cultural ao qual a nossa sociedade está envolvida, mas, analisando os resultados de nossa investigação, a maioria dos professores de ginástica demonstrou ser um dos elementos utilizados por esse processo, e, incentivadores dessa busca por corpos ideais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que pudéssemos analisar o papel pedagógico dos professores de ginástica, seguimos a linha de pensamento de profissionais de academias de grande e pequeno porte. A partir de um referencial da Antropologia Social, analisamos o corpo belo como sendo uma construção cultural, possibilitando algumas reflexões sobre o modo como os professores fazem a mediação dos desejos e expectativas de seus alunos com sua prática pedagógica.

Ao interpretarmos os dados coletados, seguindo a construção de pensamento dos entrevistados, pudemos detectar algumas diferenças nas práticas dos dois grupos de professores. Essa diferença pareceu-nos estar mais relacionada à classificação das academias em grande porte e pequeno porte. A organização desses dois tipos de academias mostra diferenças, pois, as grandes academias com suas sofisticações e diversidade de práticas oferecidas lidam com um maior número de funcionários e freqüentadores, o que implica não haver muita proximidade na relação professor-aluno. Já as academias menores, não tendo uma grande estrutura física e não sendo tão sofisticadas, lidam com um número bem menor de alunos por aula, fato que possibilita aos professores uma maior proximidade com os alunos, tendo a oportunidade de conhecê-los melhor e saber de suas necessidades.

Pudemos perceber também que embora todos os professores entrevistados sejam licenciados em Educação Física, ou seja, foram preparados para serem professores de Educação Física, a maioria não se considera como tal. Acreditam que sua função está mais relacionada com uma orientação e instrução de exercícios físicos. Nas academias de grande porte as aulas de ginástica são divididas em três níveis: iniciante, intermediário e avançado. No entanto, essa divisão pareceu estar

mais relacionada com as capacidades físicas dos alunos como força e resistência, do que com graus de aprendizagem.

Pareceu-nos que os professores também são influenciados pelo processo cultural que constrói modelos de corpos belos. A maioria disse ter como referencial os mesmos padrões estéticos que Lopes da Silva & Ikari (1997) detectaram nos frequentadores de academias, considerando como sendo bonito o corpo atlético; também fizeram a mesma associação de corpo belo e saudável.

Os professores de ginástica influenciados por esse processo cultural da busca por corpos ideais disseram utilizar três procedimentos para fazerem a mediação dos desejos e expectativas dos alunos com sua prática: orientam os alunos quanto ao modo que devem se alimentar, durante as aulas aconselham-os a não ultrapassarem seus limites físicos e a adquirirem o hábito da atividade física constante. Finalizando, incentivam seus alunos a serem persistentes para que possam obter algum resultado com relação às mudanças corporais.

Ao pensarmos nos professores de ginástica, por terem a formação em Educação Física, imaginamos que pudessem ter uma visão mais crítica frente a esse processo cultural. Entretanto, analisando as respostas de nossos entrevistados, pudemos perceber que os professores demonstraram fazer parte do mesmo processo cultural pela busca de corpos ideais, incentivando seus alunos e utilizando suas aulas para que eles possam atingir o corpo que desejam.

Com esse trabalho pretendemos colaborar com a área da Educação Física, que ainda recebe uma forte influência de um discurso em que o corpo é tido como biológico, natural e universal, isso devido à própria história da área. Outros conceitos sobre o corpo podem ser abordados na formação de profissionais de Educação Física, o que poderá torná-los mais críticos em relação a essa construção cultural de corpos belos e saudáveis. A abordagem antropológica vem contribuir com o debate sobre o discurso tradicional, questionando-o e fazendo com que a Educação Física reveja seus conceitos, para que possamos olhar de outras formas para o corpo. Pela grande

relevância do papel pedagógico dos professores de academias, pretendemos que este debate contribua para que os professores possam transmitir outras visões sobre o corpo a seus alunos. Assim, vão ter a possibilidade de compreendê-lo de forma mais crítica frente a todo esse processo cultural ao qual estamos envolvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A VITÓRIA sobre o espelho. *Revista Veja*, São Paulo, n.34, p.70-78, ago., 1995.

CARVALHO, Y. M. de. *O mito atividade física/saúde*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1993.

CORPO: homens felizes, mulheres neuróticas *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 de março de 1995. Caderno 4, p.1-9.

DAMATTA, R. O corpo brasileiro. In: STROZENBERG, I. (Org.) *De corpo e alma*. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 1987.

DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papyrus, 1995a.

_____. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. *Revista Movimento*, v.2, n.2, p.24-28, 1995b.

FEATHERSTONE, M. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. In: DEBERT, G. G. (Org.) *Antropologia e velhice*. Campinas: Unicamp, 1994.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

- KOFES, S. E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In: BRUHNS, H. T. (Org.) *Conversando sobre o corpo*. Campinas: Papirus, 1985.
- LOPES DA SILVA, C., IKARI, Y. *Padrões corporais de beleza em praticantes e não praticantes de atividades físicas*. Relatório final de iniciação científica, SAE/UNICAMP, Campinas, 1997.
- MAISONNEUVE, J., SCHWEITZER, M. *Modelos del cuerpo y psicologia estetica*. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 1984.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp, 1974. 2 vol.
- MELO, C. K. de. *A malhação do lazer...ou seria a malhação no lazer?: uma análise sobre a multidimensionalidade da cultura expressa através dos corpos nas academias*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1997.
- ROBLE, O. J. *Expectativas sócio-culturais de consumidores de práticas corporais*. Relatório final de iniciação científica, PIBIC/ CNPq, UNICAMP, Campinas, 1995.
- RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.
- _____. O corpo liberado?. In: STROZENBERG, I. (Org.) *De corpo e alma*. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 1987.

TRIVINÓS, A. N. S. *Introdução a pesquisa qualitativa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação* São Paulo: Atlas, 1987.